

## NOSSOS MESTRES

## Educadora popular, com orgulho

Madalena Torres é pioneira no ensino em Brasília e, em especial, em Ceilândia, cidade que a acolheu e onde participou da fundação de um centro de ensino de jovens e adultos

» MARIANA NIEDERAUER

**D**uas descobertas transformaram a vida da professora Maria Madalena Torres. A primeira foi a paixão pela escola. Nos períodos mais difíceis pelos quais passou, diante da pobreza e da defasagem de aprendizagem, foi em docentes vocacionados que encontrou sua fortaleza e o estímulo para continuar. O encontro com o método Paulo Freire representou o segundo momento decisivo, e o motivo da dedicação de toda a carreira, que ela ainda carrega, aos 62 anos completados hoje.

Nascida em Divinópolis de Goiás, cidade a 440km de Brasília, Madalena chegou a Brasília com 9 anos de idade. Seu Emiliano de Torres Quintanilha e dona Maria Pereira Torres vieram do município goiano com os cinco filhos para morar na recém-inaugurada Ceilândia, em 1971. “Quando eu cheguei a Ceilândia, tinha 8 meses, era um bebê. Eu sempre brinco com isso: que o talco da Ceilândia bebê era a poeira. A gente deitava e ficava a marca do nosso rosto sobre o travesseiro. Acredita nisso?”, lembra-se, bem-humorada.

Enquanto os pais trabalhavam, como servente de pedreiro e jardineira na Novacap, Madalena cuidava dos irmãos e garantia que houvesse água para a família. Entrava nas longas filas do carro-pipa, que depois virou chafariz e, finalmente, a caixa d’água, hoje símbolo da cidade. “Levávamos as latas para encher e tinha um carrinho de madeira onde elas eram colocadas. Era preciso recorrer a um adulto (para levantar as latas), pois meu pai e minha mãe já trabalhavam. E aí os adultos iam só colocando nossas latas para trás na fila”, relembra.

“Quem chegou aqui criança ou quem nasceu em Ceilândia naquela época já foi forjado na luta”, observa a pioneira. O pai, que morreu em 2011, trabalhou na construção da

Mariana Niederauer/CB/D.A. Press



escola onde Madalena concluiu o ensino médio, o Centro de Ensino Médio 4, também conhecido como Centrão da Guararoba.

Madalena é a mais velha de oito irmãos — os outros três nasceram já em Brasília. A família morava num barraco de madeira, dividido com uma das tias, na Ceilândia Sul. Só por volta de 1977 foi que conseguiram se mudar para um lote na Guararoba, com a casa em alvenaria, de um quarto, sala, cozinha e banheiro, de paredes pintadas com cal direto sobre os tijolos. “Foi uma alegria!”, conta. “Eu me lembro quando nós entramos nessa casa. Meu pai se ajoelhou, minha mãe e eu também, porque era muito bom ter a sensação de que moraríamos por longos anos naquele lugar.”

“Minha adolescência foi quase uma adolescência adulta, porque eu tive que cuidar de todos os meus irmãos, mas, mesmo assim, era uma felicidade estar naquela rua, junto daquelas pessoas”, afirma. “As memórias afetivas estão todas ali, coisa que você não se esquece. Só naquela rua, eu tinha nove afilhados.”

### Código indecifrável

Apesar de ter se tornado professora, a trajetória escolar de Madalena não foi fácil. Ela demorou a perceber que estava sendo excluída do processo de letramento e de alfabetização, ainda em Divinópolis. Foi depois da visita da secretária de Educação do município que ela,

criança, notou o tamanho da defasagem. A mulher, vestida com saia de renda, passou pelas carteiras e comentou ao passar pela da menina: “Nossa, ela só faz bolinhas”.

Perturbada com o comentário, a pequena saiu andando pelas carteiras e observou as letras e palavras escritas no caderno dos colegas, um código até então desconhecido e, por isso, indecifrável para ela. “Nessas cidades pequenas, não é muito fácil ser estudante pobre, não. As meninas de classe média são muito melhor tratadas pelos professores do que a gente”, reflete, hoje, Madalena.

A chegada em Ceilândia foi importante nesse aspecto também. Desde o início da educação básica, ela encontrou professores que

conseguiram guiá-la pelo processo de aprendizagem e, dos de português, lembra-se dos nomes até hoje. “Quando eu saí de Divinópolis, já sabia ler um pouco, avancei daquelas bolinhas. Também escrevia um pouco. Mas foi quando cheguei aqui que avancei”, relata.

Essa virada de chave influenciaria a escolha profissional mais tarde. “Eu tive um exemplo de que a educação era boa e percebi que queria ficar o resto da vida com a escola, não só estudar e sair correndo para outra profissão, mas estudar e permanecer na escola. Eu me apaixonei. Foi um processo muito bonito.”

### Meu pé de abacate

Quando cursou a antiga 8ª série — hoje 9º ano —, Madalena novamente enfrentou dificuldades para aprender português e matemática. Dois bimestres haviam se passado e as chances de recuperar as notas baixas eram remotas. “Eu chorei tanto que o canto da carteira ficou cheio de lágrimas”, relata. A professora de português, Márcia, chegou perto e acolheu a estudante desolada, perguntando: “Você quer aprender?” Ao receber a resposta positiva, Márcia entregou a Madalena seis livros, de Lima Barreto e de Machado de Assis.

“Lá em casa não tinha nem dicionário. Ela me deu esses seis livros e, dentro de cada um, colocou a orientação do que ela queria. E eu me dediquei. Lá em casa tinha um pé de abacate. No tempo quente, ele era bem fresco, frondoso. Eu me sentava lá, num banquinho, e lia, lia, lia.... Me apaixonei pela leitura ali”, conta a educadora.

Ao fim do bimestre, Márcia começou a entregar as notas da turma, uma a uma, andando pelas fileiras com os trabalhos debaixo do braço. Madalena foi a última a receber. “Ela falou para todos da sala, e para mim também, que eu nunca mais seria a mesma. Porque quem sabia português sabia